



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

## **Transições agroalimentares e futuros sustentáveis: disputas ontológicas e práticas agrícolas no Brasil**

**Bruno Feltrin Puttini**

**Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), b216204@dac.unicamp.br**

**GT 05 – Aspectos críticos, oportunidades e desafios para o enfrentamento da crise climática**

### **RESUMO**

Este trabalho propõe refletir sobre as transições para a sustentabilidade no contexto dos sistemas agroalimentares e das práticas agrícolas no Brasil, com foco nas disputas ontológicas que atravessam tais processos. A partir de uma revisão crítica da literatura das transições, argumenta-se que a centralidade da agricultura nas crises socioambientais é frequentemente negligenciada ou tratada de forma essencialista, limitando a compreensão das transições a estratégias tecnocráticas e lineares. Propõe-se uma abordagem relacional que considere a multiplicidade de atores, práticas e visões de futuro envolvidos, tomando as transições como processos políticos e de construção de mundos em disputa.

### **Palavras-chave:**

Transições para sustentabilidade; Sistemas agroalimentares; Mudanças climáticas; Adaptação climática.

### **Destaques (highlights)**

- A literatura dominante sobre transições carece de atenção ao papel dos sistemas agroalimentares.
- Transições sustentáveis são permeadas por disputas ontológicas e não apenas tecnológicas.
- A agricultura brasileira é atravessada por múltiplos projetos de futuro em conflito.
- Uma abordagem relacional permite compreender melhor as práticas situadas de transição.

1

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
**SUSTENTABILIDADE**



Financiamento:





**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

## INTRODUÇÃO

As transições para a sustentabilidade são comumente associadas à superação de desafios ambientais, econômicos e sociais globais, estruturadas a partir de tecnologias verdes e metas globais. No entanto, esse paradigma dominante tende a obscurecer a complexidade dos processos de transformação, particularmente quando se trata dos sistemas agroalimentares. Apesar de sua centralidade nos debates sobre mudanças climáticas, segurança alimentar e uso do solo, a agricultura permanece como um objeto negligenciado na literatura das transições. Este trabalho parte da hipótese de que essa negligência está relacionada à forma como a transição é concebida: como um deslocamento linear entre um presente problemático e um futuro desejável, pautado por soluções tecnocráticas e essencialistas. Ao contrário, propomos compreender a transição como uma disputa ontológica entre diferentes modos de vida, práticas agrícolas e visões de mundo, com foco no contexto brasileiro.

## METODOLOGIA

A metodologia adotada é de caráter qualitativo e exploratório, baseada em revisão bibliográfica de três frentes: (1) a literatura das transições para sustentabilidade, com foco nas abordagens MLP e suas críticas; (2) estudos recentes sobre transições nos sistemas agroalimentares, incluindo revisões sistemáticas; e (3) literatura crítica latino-americana e decolonial sobre ontologias, temporalidades e práticas agrícolas. A proposta da pesquisa futura é desdobrar essas reflexões em uma abordagem empírica comparativa entre práticas agrícolas convencionais e alternativas no Brasil, a partir de uma perspectiva relacional e situada.

## RESULTADO E DISCUSSÃO

A revisão da literatura revelou que os estudos de transição tendem a privilegiar os setores de energia e mobilidade, enquanto os sistemas agroalimentares são tratados de forma marginal ou instrumental. Mesmo quando incluídos, são frequentemente analisados sob a ótica da inovação tecnológica, sem considerar as dinâmicas socioculturais e territoriais que os constituem. No Brasil, a relevância das práticas agrícolas para as emissões de gases de efeito estufa e a perda de biodiversidade é evidente. Ao mesmo tempo, diferentes projetos de futuro coexistem e entram em conflito: de um lado, modelos vinculados ao agronegócio e à agricultura de precisão;

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

de outro, práticas como a agroecologia, os sistemas agroflorestais e os saberes tradicionais. Tais disputas não se limitam a estratégias técnicas, mas envolvem visões divergentes sobre o que é viver bem, produzir alimento e sustentar a vida em tempos de colapso climático.

Nesta breve revisão, discutimos criticamente como as visões de futuro embutidas nas abordagens dominantes das transições para a sustentabilidade são moldadas por concepções ocidentais de tempo, progresso e desenvolvimento.

Segundo Daniel Munduruku (2024), evidencia-se como a ideia de um futuro linear e redentor - típico das grandes narrativas ocidentais - descola a ação política do presente, legitimando projetos de conquista, colonização e exclusão. Essa crítica se estende à literatura das transições, especialmente às abordagens como a *Multi-Level Perspective* (MLP), que pressupõem a transição como algo previamente dado, pautado na escalabilidade de tecnologias verdes e na gestão eficiente de soluções já determinadas. Essa concepção de futuro - marcada por grandes promessas civilizatórias como o progresso, a modernização, o crescimento econômico ou o “desenvolvimento sustentável” - está presente de forma implícita (e muitas vezes explícita) nas abordagens europeias sobre transições para a sustentabilidade, como mostra a MLP, proposta por Geels (2002).

Contudo, a crítica de autores como Labussière e Nadaï (2018) é que, ao se estruturar sobre essa lógica teleológica, a literatura das transições incorre em um “impasse democrático”: define-se a priori quais são os fins desejáveis (ex.: descarbonizar a economia) e os meios mais eficientes para alcançá-los (ex.: carro elétrico, energias renováveis), excluindo ou marginalizando negociações coletivas sobre alternativas e contextos. Os autores mostram que, ao centrar-se na gestão estratégica de tecnologias “potenciais”, o campo restringe a transição à superação de barreiras à sua difusão, tratando a mudança como um processo técnico e não como uma disputa sociopolítica.

Esse problema se intensifica quando analisamos como os sistemas agroalimentares são tratados na literatura das transições. Estudos como os de El Bilali (2018) e Elsner et al. (2023) mostram que, embora a agricultura e a alimentação estejam entre os principais vetores da crise climática — com contribuições significativas para as emissões de gases de efeito estufa, perda de biodiversidade e degradação dos solos —, esses setores continuam sendo abordados de maneira periférica e muitas vezes instrumental. A maior parte dos estudos foca em tecnologias de nicho, como agricultura de precisão ou biotecnologia, sem considerar as dinâmicas socioculturais,



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

territoriais ou epistemológicas dos sistemas alimentares. Ou seja, mesmo quando incluídos, os sistemas agroalimentares são frequentemente pensados dentro da mesma lógica funcionalista que orienta as transições energéticas ou de mobilidade: como um “sistema” que deve ser eficientemente reconfigurado de fora para dentro, sem atenção à multiplicidade de práticas, saberes e modos de vida que o constituem.

Por outro lado, poucos estudos adotam uma perspectiva relacional ou decolonial que permita compreender os sistemas alimentares como arenas de disputa entre diferentes visões de mundo. Quando o fazem, destacam que essas transições envolvem embates entre projetos agroindustriais baseados em escalabilidade e controle técnico-científico, e projetos agroecológicos, indígenas, quilombolas ou camponeses, baseados em outras formas de relação com a terra, o tempo e a vida. A invisibilização dessa pluralidade de ontologias alimentares reforça o caráter colonizador de certas visões de futuro e reproduz o silenciamento de modos de existência que escapam à racionalidade dominante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÃO

As reflexões aqui desenvolvidas destacam a importância de problematizar as concepções dominantes de transição para a sustentabilidade, especialmente no que diz respeito aos sistemas agroalimentares. Ao evidenciar como essas transições têm sido pensadas a partir de um futuro linear, tecnocrático e universalizante, mostramos que elas frequentemente desconsideram a pluralidade de práticas, saberes e modos de vida que disputam os rumos das transformações em curso.

Em contraste, propomos compreender as transições como processos ontologicamente múltiplos e situados, atravessados por disputas políticas e epistemológicas. No contexto brasileiro, isso exige atenção às formas diversas de produzir, habitar e imaginar o futuro, tomando os sistemas agroalimentares como arenas fundamentais onde essas disputas se materializam. Essa perspectiva relacional e crítica abre caminho para análises mais sensíveis às contradições e potências dos mundos em transição.

## REFERÊNCIAS

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

EL BILALI, Hamid. Transition heuristic frameworks in research on agro-food sustainability transitions. *Environment, Development and Sustainability*, 2018.

ELSNER, Friederike et al. Agri-food systems in sustainability transition. *Frontiers in sustainable food systems*, 2023.

GEELS, Frank. Technological Transitions as Evolutionary Reconfiguration processes. *Research Policy*, 2002.

LABUSSIÈRE, O.; NADAÏ, A. *Energy Transitions*. Springer Nature, 2018.

MUNDURUKU, Daniel. Modo não indígena de pensar futuro é alienante. Agência Brasil, 2024.

## **DECLARAÇÃO**

Durante a elaboração deste trabalho, o autor utilizou a ferramenta/serviço ChatGPT com o objetivo de sintetizar o texto original de um ensaio sobre o tema do resumo, de autoria própria. Após o uso desta ferramenta/serviço, o autor revisou e editou o conteúdo conforme necessário e assume total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
**SUSTENTABILIDADE**



Financiamento:

